

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Curso de Especialização em Educação no Campo Modalidade EAD

**O CONCEITO DE TERRA E A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO
CAMPO**

NOVAS TEBAS

2014

1

ROSICLÉIA DE MORAS

**O CONCEITO DE TERRA E A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO
CAMPO**

**Trabalho apresentado como requisito
parcial para a obtenção da certificação
do curso de Especialização em
Educação do Campo, Setor Litoral da
Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Cassius Marcelus
Cruz**

**NOVA TEBAS
2014**

Sumário

Resumo.....	04
Apresentação.....	04
Educação Do Campo: Alguns apontamentos.....	05
Educação Do Campo: Algumas possibilidades.....	09
Educação Do Campo:Pesquisa.....	12
Considerações Finais.....	15
Referências.....	16

O CONCEITO DE TERRA E A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO

Rosicléia de Moras¹

Cassius Marcelus Cruz²

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo fomentar e analisar o conceito de Terra e dos movimentos sociais do campo, relacionando com o processo histórico, identificando as possibilidades de trabalho em sala de aula. Constituem num estudo bibliográfico, que consiste em uma análise mais ampla de dados coletados em livros, revistas, periódicos e artigos. Sendo que o referencial teórico é a pesquisa qualitativa, que está relacionada a dinamicidade do objeto de estudo. Além do mais realiza uma pesquisa de campo para verificar a importância da terra para os alunos. Para tanto apoia-se-a em autores como Caldart (2002), Alves(2010), Mocellin (2010), Paraná (2006) entre outros.

APRESENTAÇÃO

Esse artigo aborda-se-a sobre o conceito de Terra, relacionando com a os movimentos sociais no campo, a partir do contexto histórico. Partindo desse pressuposto teórico identifica as possibilidades de trabalho em sala de aula por meio de experiências realizada no ano de 2013. Para isso utiliza-se-a da pesquisa bibliográfica, que consiste em uma análise mais ampla de dados coletados em livros, revistas, periódicos e artigos (OLIVEIRA, 1997).

Tendo como referencial teórico a pesquisa qualitativa, que esta relacionada a dinamicidade do objeto de estudo e por fim uma pesquisa de campo, que é a análise de dados coletados, de entrevistas com os alunos da 1ª série do ensino Médio do Colégio Estadual do Campo arroio Grande, utilizando um questionário aberto.

A temática desenvolve dentro da linha da pesquisa que aborda a educação do campo. A pesquisa de campo será realizada na cidade de Pitanga - Paraná com aproximadamente 10 educandos do colégio estadual do Campo Arroio Grande. Os

1 Graduada em Pedagogia: Gestão e docência pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) e Especialista em Gestão Escolar pela mesma universidade.

2 Professor de História da Rede Estadual de Educação do Paraná; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná; Doutorando em Ciências Sociais pela UNICAMP

quais responderão cinco questões abertas, ou seja, com perguntas argumentativas, com objetivo de verificar como foi a prática sobre a aplicação de conceito de terra e de movimentos sociais do campo.

Busca-se uma educação que seja crítica, cuja característica central é a problematização dos conhecimentos. Problematizar implica discutir os conteúdos de forma a gerar indagações e não de forma enciclopédica e mecânica. Para tanto, na educação do campo, o tema questão agrária é essencial para compreender os determinantes que levaram a educação do campo a estar historicamente marginalizada nas políticas educacionais (PARANÁ, 2006, p. 30)

Subsidiar cientificamente a proposta apresentando comentários de trabalhos realizados na área de enfoque da pesquisa. O objetivo é mapear o universo de discussões teóricas no qual o problema da pesquisa se encontra. Portanto, pretende-se levar a conscientização da valorização do campo como espaço de cultura e sujeitos sociais, por meio da prática docente realizada pela professora da disciplina de História.

Nesse sentido, a pesquisa fomenta como uma estratégia na construção de conhecimento, desenvolvendo como um conjunto articulado de ações formativas que responda à necessidade de unir a teoria com a prática.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUNS APONTAMENTOS

Este texto tem como objetivo identificar o conceito histórico da terra. Relacionando com as lutas dos movimentos sociais do campo, a partir de prática em sala de aula por uma docente vivenciada no ano de 2013, no colégio Estadual do Campo Arroio Grande.

Primeiramente precisamos analisar o conceito de terra numa concepção de campo cunhado pelos próprios movimentos sociais do final do século XX, que possuem uma identidade específica com uma cultura própria como fica evidenciado nessa passagem:

A concepção de campo tem o seu sentido cunhado pelos movimentos sociais no final do século XX, em referência à identidade e cultura dos povos do campo, valorizando-os como sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra. Trata-se do campo como lugar de trabalho, de cultura, da produção de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência (PARANÁ, 2006, p.24)

Nesse sentido a escola do campo deve ser para e pelo campo, sendo um

espaço com suas especificidades, em que possa desenvolver no educando, diferentes saberes, experiências e práticas, expectativas, visões de mundo e do próprio campo que são frutos dos próprios movimentos da comunidade.

O que identifica e caracteriza os povos do campo é jeito de viver, relacionado com dinamicidade do ambiente, ou seja, com própria realidade da comunidade, sendo constante uma construção significativa com a valorização e dependência da terra e com o mundo do trabalho.

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico (PARANÁ, 2006, p.24)

Esta relação da terra já acontecia desde de dos tempos antigos como argumenta Mocellim (2010) a terra é considerada como privilégio dos senhores medievais na Idade Média na Europa Ocidental, simbolizava poder e também já foi propriedade coletivo de alguns grupos. Atualmente, no Brasil, a terra é considerada uma mercadoria que pode ser comprada, alugada, vendida, hipotecada e financiada, mas ainda existem exerceções.

No eixo trabalho, estão as discussões sobre relações sociais produtivas e o lugar que cada país ocupa no âmbito econômico, político e social no planeta. Trabalho é um conceito que guarda relação com classe social. Trabalhador é aquele que vende a sua força de trabalho e dono do meio de produção é aquele que detém o capital. Terra, indústria, dinheiro constituem o capital (PARANÁ, 2006, p. 37).

Ressalta-se ainda que a terra é considerada fonte de produção de alimento, motivo de disputas por poder, guerras, lutas, invasões e mortes justificadas tudo pela delimitação de terras.

Já os movimentos sociais é entendido, segundo alguns autores como Danilo R. Streck (2008), como ação coletiva que visa a transformação, com objetivos de superação, realizado por indivíduos em protesto contra situações existentes. Podem ser divididos entre movimentos sociais tradicionais e novos movimentos sociais. O primeiro são aqueles divididos pelas classes sociais: proletariado versus burguesia, que é a base da estrutura de todos os conflitos da história da sociedade. O segundo são aqueles que surgem a partir do golpe militar, em 1964, destacando as ações do Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Comissão

Pastoral da Terra (CPT), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e do Movimento Eclesial de Base (MEB).

Apesar desses movimentos serem diferentes apresentam duas características em comum: a luta contra esquema populista do passado e a criação de formas de participação no coletivo na sociedade, sendo um processo coletivo e comunicativo de protesto que afetam grande indivíduos.

Alguns autores, como Caldart (2008) apresentam os movimentos sociais no Campo a partir de três vertentes: quanto a organização desses movimentos; quanto aos paradigmas; e quanto ao espaço temporal dos movimentos sociais. Na primeira vertente é que existe algumas condições históricas para que os movimentos sociais do campo acontecesse. Essas condições variam conforme as possibilidades de comunicação e expressão do próprio coletivo, constituindo na defesa de uma mesmo ideal por muitos indivíduos.

Quanto aos paradigmas foram dois que abarcaram os movimentos sociais: a “libertação” e a “hegemonia”. No paradigma da libertação segue os anseios e desejos daqueles indivíduos que queriam e lutavam para ser libertar da ditadura militar, na história de colonialismo imposto ao Brasil, representado pelos ideais do professor Paulo Freire. Já o paradigma da hegemonia apoiava nas forças populares no esforço comum por uma democracia social, representado pelos ideais do italiano Antônio Gramsci.

As ideias do professor Paulo Freire não se limitam ao um quadro histórico, ele defende as ideias de libertação referindo-se as relações estabelecidas entre opressores e oprimidos, relações estas que são importantes para entender a educação do campo.

A consciência do oprimido encontra-se imersa no mundo preparado pelo opressor; daí existir uma dualidade que envolve a consciência do oprimido: de um lado, essa aderência ao opressor, essa hospedagem da consciência do dominador (seus valores, sua ideologia, seus interesses, e o medo de ser livre) e, de outro, o desejo e a necessidade de libertar-se. Trava-se, assim, no oprimido, uma luta interna que precisa deixar de ser individual para se transformar em luta coletiva (FREIRE, 1996, p.32)

Quanto ao paradigma da hegemonia, foi criada no seio da tradição marxista, para refletir sobre as configurações sociais, que se apresenta em diferentes tempos históricos. Gramsci apresenta uma versão mais elaborada para pensar a sociedade, sem cair no materialismo e no idealismo encontrados na tradição. Propondo-se uma

nova relação entre estrutura e superestrutura como argumenta Alves (2010, p.71) nesta passagem:

A noção de hegemonia propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, **a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais.** (grifo)

Sendo assim, o conceito de hegemonia e de libertação se entrelaçam nos grupos sociais, perpassando por vários momentos históricos da educação do campo, dependendo da conjuntura. Mas que destaca é a questão do coletivo, das forças da sociedade civil na própria construção da história.

Gramsci segue, mais uma vez, a linha leninista e define como condições necessárias ao surgimento de uma vontade coletiva nacional-popular não apenas a existência de grupos urbanos desenvolvidos no campo industrial que alcançaram certo nível de cultura histórico-política, mas também a adesão das massas camponesas e sua participação na vida política (ALVES, 2010, p.77)

Quanto espaço-temporal é divididos em três fases da história dos movimento sociais do campo: A 1ª Fase constitui das lutas messiânicas (1850 – 1940); 2ª Fase: LUTAS RADICAIS (final da década de 1940) ; e a 3ª Fase: A luta dos Novos Movimentos Sociais no Campo (Nova República).

Na 1ª Fase, foram divididos pelas lutas dos Canudos (1870-1897) - Messias Antônio Conselheiro; Contestado (1912-1916) - Messias José Maria e Cangaço (1917-1938) - Banditismo Social. Na 2ª Fase, estão as lutas dos Posseiros de Teófilo Otoni - MG (1945-1948); dos Trombas e Formoso - GO (1952-1958) – Presença do PC; do Sudoeste do Paraná – PR (1957) da Revolta dos arrendatários de Santa Fé do Sul – SP (1959) e dos Conflitos no Engenho Galiléia (Ligas Camponesas) - PE (1954). Já a 3ª Fase a luta dos Novos Movimentos Sociais no Campo são formados pela Luta Indígena pela demarcação das terras; Luta dos seringueiros na Amazônia; Luta dos Bóias-Frias; Luta dos Atingidos pelas Barragens; Luta dos Brasiguaios; e a Luta dos Sem Terra.

Como foi possível observar que na 1ª fase, aconteceram movimentos localizados, por regiões. Já a 2ª fase forma-se as ligas camponesas, tomando uma dimensão nacional e política, nasce a busca pela Reforma Agrária. Ao lado das Ligas Camponesas é criado a ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), o MASTER (Movimento dos Agricultores Sem-Terra) e, a CONTAG

(Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura), em 1962. E a 3ª fase é a luta dos novos movimentos sociais no campo, marcada pela recuperação do espaço dos trabalhadores.

Assim sendo, movimentos sociais do campo foram construídos ao longo da história, a partir de acontecimentos específicos que ora se apresentam mais forte e ora menos, dependendo de algumas condições. E que hoje ainda estão em movimentos na busca de consolidação de políticas públicas adequadas numa transformação, em uma sociedade mais justa que valorize o homem do campo. E a questão da terra ainda prevalece o conceito de poder, como bem de consumo no sistema capitalismo. Porém para os camponeses esse significado se transforma em um bem de sobrevivência, que germina nasce e frutifica na luta pela terra, pelos direitos a uma vida digna, pela relação igualitária entre homens e mulheres, pelo respeito às diversidades, pela distribuição da renda e dos bens produzidos pela sociedade de forma justa e sustentável (SOARES, 2010).

Nesse sentido a educação do campo cada vez mais se configura como uma estratégia da educação para promover a transformação social do campo, por resgatar o conceito de terra como espaço de produção e de relações sociais e culturais de uma determinado povo, assim valorizando como sujeitos próprios de sua ação política.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Primeiro precisamos considerar que a educação é um direito social e que uma política adequada para educação do campo requer o reconhecimento e a valorização do espaço do campo, bem como o espaço da cidade, que nenhum e nem outro é superior. Que o campo é um espaço com suas próprias especificidades, com uma cultura singular, com sujeitos sociais atuantes, sendo importante a superação de certos preconceitos.

Para isso é preciso analisar alguns autores e a própria Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo (2006) que aponta a necessidade de fortalecimento da identidade da escola do campo.

Em análise da Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo podemos destacar as normas gerais da educação brasileira, calcada na LDB 9394/96, e as

necessidades de apontar parâmetros para a educação do campo.

A principal necessidade apontada nas Diretrizes é a questão da identidade da escola do campo, evidenciando que vai além do espaço físico geográfico, uma definição a partir das demandas e das atuações dos sujeitos do campo na interação da escola com a realidade local. Nessa perspectiva a educação do campo surge como ruptura de paradigma da educação, favorecendo o fortalecimento dos sujeitos sociais do campo, concebendo como espaço de vida e resistência, como demonstra Silva Junior (2001, p. 51-52):

O paradigma da educação do campo concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso a terra e pela oportunidade de permanecer nela. Concebe a diversidade dos sujeitos sociais – agricultores, assentados, ribeirinhoscaiaçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, enfim, todos os povos do campo brasileiro. Reconhece a importância da agricultura familiar ao reconhecer a diversidade do campo brasileiro. Além disso, no processo de redemocratização do Brasil, fortaleceram as lutas e a organização dos diferentes tipos de movimentos sociais, dentre eles, os organizados no campo, cujas agendas de reivindicações prevêm a extensão de direitos, como a educação

Essa identidade do campo deve-se ancorar nas questões da realidade local que envolve os saberes de seus sujeitos, e também os saberes acumulados ao longo da história da humanidade, situando o aluno no espaço que pode realizar mudanças significativas, como sujeitos atuantes de sua própria história. Nesse contexto, que o docente deve trabalhar, como foi desenvolvido durante o ano de 2013, pela professora do Colégio Estadual do Arroio Grande, trabalhando com conceito e identidade da terra.

A Professora utilizou o livro didático “História em Debate” de Renato Mocellin como subsidio teórico, vídeos informativos, questões dissertativas argumentativas. Com objetivo de conscientizar e valorizar os alunos, como sujeitos sociais e transformadores, fornecendo subsídio para que eles possam conhecer e apreender sobre a temática central.

Nesse sentido, a educação do campo se constitui numa ação “emancipatória” – incentiva os sujeitos do campo a pensar e agir por si próprio, assumindo sua condição de sujeitos da aprendizagem, do trabalho e da cultura, rompendo com a tutela de outrem, tendo a possibilidade de tomar suas próprias decisões, segundo seus interesses e necessidades, tendo o direito de definir seus próprios caminhos.

Essa identidade deve ser um dos objetivos principais do docente quando aborda-se a questão da Terra e dos movimentos sociais do campo, essa construção da identidade do campo deve partir do próprio conceito de Terra.

Conceito esse que é abordado por Mocellin (2010) como um meio de produção de alimentos, como uma mercadoria, como meio de sobrevivência para os pequenos camponeses. Para isso o autor supracitado relaciona o conceito de terra com as relações sociais decorrentes nos períodos históricos. Iniciando pela antiguidade, passando pelo mundo feudal, a colonização do Brasil, a Era Vargas, a República, os governos militares chegando até os dias atuais. Ainda confronta o conceito de terra com os movimentos sociais rurais no Brasil, e os movimentos sociais urbanos.

Neste contexto, a escola é o espaço social que tem como função específica possibilitar ao aluno a apropriação de conhecimentos científicos, filosóficos, matemáticos dentre outros, sistematizados ao longo da história da humanidade, bem como propiciar e estimular o desenvolvimento de habilidades e competências à produção de um novo saber, que possam ajudá-lo a compreender as relações, como requisita do seu processo de formação, e que perpassam as entrelinhas das injustiças sociais, tão presentes em nossa sociedade (ALBUQUERQUE, p. 01).

Sendo assim, a escola possui a função, entre outras, o desenvolvimento e apropriação de novo saber, se tratando na educação do campo deve estimular os alunos a refletir como o conceito de terra podem variar, dependendo da ótica que se olha, da época em está sendo analisada. E que o conceito terra é um conceito em que os alunos precisam se apropriar e transformar positivamente em seu contexto social. Isto é, com a apropriação do saber do conceito da terra e suas relações, o aluno pode estabelecer novos parâmetros no seio familiar, transformando sua realidade local.

Os movimentos sociais, por sua vez, devem ser trabalhado aliando-se ao conceito de terra, pois os movimentos sociais do campo em grande maioria defendia a questão da terra. Por exemplo, o movimento chamado de messiânicos, “tiveram como causa principal o alto grau de miserabilidade das populações camponeses, a questão da terra teve papel relevante”(MOCELLIM, 2010, p.118).

Outros movimentos surgiram no decorrer da história, mas um dos principais e mais fortes foram aqueles ligados a questão agrária, que segundo autores como próprio Mocellim (2010) desde do período militar foi possível analisar que os

assentamentos ocorridos foram resultados de lutas constantes dos trabalhadores rurais em sindicatos, movimentos e organizações coletivas. E que problema agrário no Brasil ainda encontra sem solução.

O movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST), na sua origem, tinha como objetivos básicos a luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa e igualitária. Neste sentido, o docente conduz o aluno as reflexões sobre o trajeto histórico desses movimentos sociais do campo, mostrando como ocorrem, quais os objetivos de cada movimento e que afetaram a sociedade de hoje. Dessa maneira o professor levará os alunos a um debate sobre esses movimentos, confrontando -os.

Além do mais, o docente deve estimular a reflexão que nessas últimas décadas do século XX, houve um grande avanço na presença dos sujeitos sociais na política cultural do país, e que muitas aquisições da educação foram conquistados por meio desses movimentos. Como demonstra Silva Junior(2011, p.50) nessa passagem:

... nas últimas décadas do século XX, assistimos a uma instigante presença dos sujeitos do campo na cena política e cultural do País, como por exemplo os movimentos sociais do campo. Tais sujeitos se mostram diferentes e exigem respeito. Denunciam o silenciamento e o esquecimento por parte dos órgãos governamentais e lutam por uma escola do campo que não seja apenas um arremedo da escola urbana e, sim, uma escola que esteja atenta aos seus sujeitos específicos.

Portanto, o docente precisa apresentar a temática de forma reflexiva e atuante, unindo-se a prática a teoria, fornecendo subsídios teóricos para que os alunos possam articular a realidade que está inserido. Com o objetivo de uma educação crítica, com indicações de problematizações de conhecimento, gerando indagações sobre os diversos temas da educação do campo.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A PESQUISA

A pesquisa científica é uma das estratégias, na construção do conhecimento, sendo desenvolvido em articulação com ações formais, que possibilita a confrontamento de ideias ou problemas. Para aprofundar e descobrir se determinado problema ou ideia se está de fato acontecendo é necessário realizar uma pesquisa de campo.

Segundo José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Diante do exposto surge a necessidade de confrontar as ideias aqui colocada com a realidade local. Para isso buscou-se da pesquisa de campo para comprovar ou não algumas proposições. Essa pesquisa realizou no dia 06 de Dezembro 2013, com 10 alunos da 1ª série do Ensino médio, durante a primeira aula, sendo com duração de 45 minutos.

A pesquisadora distribui para todos alunos uma lauda individual, contento seis questões, sem dados de identificação do aluno. Neste momento todos iniciaram a leitura e a resposta da folha pesquisa.

As questões que abrangia são as seguintes;1-Qual a importância da terra para você?2-Antes das aulas de história dos movimentos sociais você já tinha conhecimento sobre eles?3- O que, você compreende que sejam os movimentos sociais?4-De quais movimentos sociais você já ouviu falar. Existem movimentos sociais que atuam na sua comunidade/cidade? Quais? Você concorda com as ideias e ações desses movimentos?5- como avaliaria o tema abordado de acordo com o grau da importância, tendo como opções quatro alternativas sendo a primeira:- ótimo, o tema acrescentou muito em minha formação. Na segunda:- Bom, acrescentou mas não tanto assim; terceira:- Regular , foi na média ajudou mas não muito. E última: - Não acrescentou nada em minha formação

Para finalizar a pesquisa foi questionado se eles gostariam de acrescentar algo na pesquisa. Nessa questão, os alunos poderiam deixá-la em branco se não houvesse nada a acrescentar.

A partir dessas informações, precisa -se elucidar sobre a realidade específica dessa comunidade escolar, o Projeto Político Pedagógico do Colégio (2013) aponta que a comunidade escolar demonstra algumas desigualdades socioeconômicas, pertencendo em grande maioria à classe média, constituída de pequenos produtores rurais, que possuem boas condições de habitação, alimentação, vestuário, e qualidade de vida e subsistência que melhorou nesses últimos anos como uso e aplicação das novas tecnologias. Os educandos, possuem famílias comprometidas pela educação. Alguns não moram com a família de origem, moram com avós, tios, padrinhos, padrasto e a madrasta o que muitas vezes, dificulta o relacionamento

entre familiares. Assim, verifica-se a comunidade têm origem do campo, constituindo de doze comunidades rurais.

Para a questão um, todos os alunos reconhecem e valoriza a importância da terra como produção de alimentos, como mecanismo de lucro, como fonte de sustento e sobrevivência. Aponta a desigualdade entre proprietários de terras, como demonstra nessa passagem “pois poucos tem muito, e muitos tem pouco”. Além do mais, menciona a questão do valor sentimental, a questão do poder chamar de “nosso” um pedaço de terra.

Na questão dois, os alunos apontaram que passaram a entender melhor o conceito de terra e a história dos movimentos sociais, que até então, desconheciam essa parte da história da sociedade. Aprenderam sobre como aconteceu as divisões das terras, antigamente, sobre a questão agrária no Brasil, e a desigualdade no acesso ao trabalho.

Na questão três os alunos destacaram que os movimentos sociais do campo como mecanismo de ação da sociedade camponesa, que a busca pelos direitos, sendo uma “forma da população mostrar seu descontentamento e exigir, melhorias, defendendo seus direitos”.

A questão quatro cita de exemplo o Movimento Sem Terra (MST). Alguns argumentam que os movimentos sócias no campo foram importantes, para que hoje, as pessoas tenham mais acesso a terras. E que o movimento que atua na comunidade é o da Associação dos moradores, e que ajuda na melhoria da comunidade e nas organizações de festejos locais. E todos os alunos concordam com esses movimentos e ações.

Na quinta e última questão, nove alunos optaram pela afirmativa:- ótimo, o tema acrescentou muito em minha formação. Apenas um colocou:- regular, foi na média ajudou mas não muito. Isso demonstra que a professora atingiu seus objetivos e que a temática foi importante para os alunos. Esses reconhecem, ainda, que quem tem poder pode controlar muitas coisas no Brasil e que a “terra sempre foi e ainda é muito disputado, pois cada vez mais gera renda”.

Para finalizar a pesquisa foi deixado um espaço para sugestões, e apenas um dos dez alunos, preencheu afirmando que “a questão da terra é muito importante e cada vez mais tem que ser trabalhada nas escolas”. O que deixa claro a relevância desse estudo e que precisamos avançar nas abordagens em sala de aula.

Em análise das respostas dos alunos foi possível verificar que os alunos atingiram os objetivos propostos pela docente, e que para educar não basta indicar horizonte é preciso caminhar juntos com alunos na busca de novos conhecimentos. E que os alunos estão tendo uma formação de qualidade, que visa a formação de sujeitos concretos, éticos, participativos, críticos e criativos. Ainda é necessário mais estudos sobre a temática em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo identificar o conceito de terra, no momento atual da história, relacionando com os movimentos sociais e fomentar o professor à como trabalhar em sala de aula esses conceitos. Esses conceitos tomam outra dimensão quando é relacionada na educação do campo, no âmbito de uma escola do campo.

O conceito de terra aqui mencionando foi de mecanismo de produção de alimento, considerada na atualidade, como mercadoria onde pode ser comprada, vendida, alugada, como bem de consumo onde gera poder e lucro. Motivo de disputas de poder, lutas e guerras, invasões. Para os acamponeses a terra é um meio de sobrevivência, relacionada diretamente com seu jeito de viver, e possui valor até sentimental.

Os movimentos sociais do campo constituem numa ação coletiva que visa melhorias e transformações, na superação de certos paradigmas e preconceitos. Na busca de direitos adquiridos na legislação vigente, numa sociedade que seja mais justa e igualitária.

Já as Diretrizes Operacionais reconhecem o papel estratégico da educação no desenvolvimento rural e sustentável dos estados e municípios; e a prioridade que a Educação do Campo deve ocupar no Plano Nacional de Desenvolvimento Rural. Com o intuito de adequar os direitos conquistados na área educacional as Diretrizes Operacionais foram aprovadas, representando o resgate de um direito negado, o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, para participação em atividades sociais.

A educação do campo se constitui numa ação emancipatória, incentiva os sujeitos do campo a pensar e agir, assumindo sua condição de sujeitos atuantes de sua aprendizagem, do seu trabalho e da sua cultura.

Pode se verificar até o momento que, mesmo com avanços tecnológicos na agricultura, os camponeses possuem uma relação intrínseca com a terra. Sendo que está supervalorização aconteceu ao longo da história, no qual todos as ações dos movimentos sociais foram decisivo para situação atual da educação do campo.

O que de fato nos revela a realidade que estamos vivenciando um momento histórico na educação do campo, onde percebe a efetivação do reconhecimento da cultura de um povo, na elaboração de uma proposta educacional para a Escola do Campo. Claro que necessitamos ainda de melhorias a respeito da formação para a prática docente, pois somente a legislação não garantirá a efetividade de uma educação adequada.

Os resultados da Educação do Campo que esperamos e na efetivação das Diretrizes Operacionais acontecerá a médio e longo prazo, já que o cenário e as lutas da classe camponesa poderá incentivar a união, os Municípios, e as escolas, bem como a comunidade local a lograr soluções para os problemas existentes. Neste contexto, a educação por si só não resolverá os problemas do campo, pode se tornar um elemento importante e fundamental para futuras gerações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Cícera Maria Gomes de . **A Prática docente:** o Ensinar e Aprender. www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/119.pdf

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia:** de Gramsci a Laclau e Mouffe. Alves. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>. Acesso em 02/2014.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre a Educação do Campo.** In: Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação / Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.]. Brasília : Inkra ; MDA, 2008.

CALDART, R. S. (2002) **Por uma Educação do Campo:** traços de uma identidade em construção. In: Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Kolling, E.J. et al. (orgs). Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4. Brasília: Art. Nacional Por Uma Educação do Campo. 25 –36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia,** 1996.

MOCELLIN, Renato. **História em Debate.** Vol.1: Ensino Médio.-2ed. São Paulo:

Editora do Barsil, 2010.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PARANÀ, Secretaria da Educação do Estado do. **Diretrizes Curriculares da educação do Campo** (2006). Disponível em: www.nre.seed.pr.gov.br/.../File/diretrizes_estaduais_campo.PDF . Acesso em 12/03/2014.

SEMERARO, Giovanni. **Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do brasil**. Revista de Sociologia e Política. ISSN: 0104-4478 (versão impressa) 1678-9873 (versão online) . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782007000200008&script=sci_arttext. Acesso em 12/09/2013.

SILVA JUNIOR, Astrogildo Fernandes da. **Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades** . Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno temático: Cultura e Educação do Campo. Universidade Federal de Uberlândia. Nov/2014. Disponível em: www.ufrb.edu.br/.../downloads/...campo...silva.../download. Acesso em 12/03/2014.

SOARES, Leôncio [et al]. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte : Autêntica, 2010. Disponível em: www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_2.PDF. Acesso em 02/03/2014.

STRECK, Danilo R. **Práticas educativas e movimentos sociais na América latina: aprender nas fronteiras**. Disponível em: http://www.cursos.nead.ufpr.br/file.php/1334/Arquivos_CD/i_01.pdf. Acesso em 12/09/2013.